

ASPECTOS CULTURAIS E EMOCIONAIS RELACIONADOS AOS PROCESSOS DE CURA

Carolina da Silva Carvalho¹; Ana Carolina Lima Costa¹; Antonio Carlos Machado Guimarães²

¹ Graduandas do Curso de Fisioterapia / UNIVAP; www.carolina-sc@ibest.com.br

² Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento / UNIVAP; Av. Shishima Hifumi, 2911 – São José dos Campos, SP, guimaraes@univap.br

Resumo- O significado da doença para o paciente e seus familiares vai além dos aspectos médicos. Ela significa desorganização do cotidiano e o enfrentamento de situações que, no plano afetivo, podem ser desgastantes para os envolvidos. Atente-se ainda para a distância cultural entre médico e seus pacientes, em especial os mais carentes, que torna aquela situação muitas vezes incompreensível, dificultando a participação ativa do doente e seus familiares em seu processo de cura, bem como na reação à negligência por vezes observável. Neste trabalho, buscamos chamar a atenção para o papel dos psicólogos e sua função dentro dos processos de cura, ao trabalhar os aspectos emocionais daqueles que acorrem aos serviços públicos de saúde.

Palavras-chave: Serviço Público de Saúde. Psicologia. Diversidade Cultural.

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução

Nessa pesquisa, realizada junto a duas instituições que atendem uma população carente: o Centro de Reabilitação de Caraguatatuba (SP) e a Apae com sede na mesma cidade, buscamos verificar em que medida fatores relacionados à cultura e o grau de escolaridade do paciente intervêm na progressão de um estado patológico. Nesta abordagem, destacaremos ainda alguns aspectos subjetivos atinentes a situação de cura, buscando apontar para um modelo explicativo que incorpora a reflexão sobre a distância entre médico e paciente.

Neste sentido, a evolução da doença e o do processo de cura, não devem ser entendidas unicamente pelo ponto de vista do conhecimento médico. O profissional de saúde deve estar atento para outros saberes, portados por seus pacientes, que são mobilizados para atribuir significado ao estado patológico e seu aspecto desorganizador da vida de pacientes e familiares (CAPRARA; RODRIGUES, 2004).

De outra parte, a consideração do aspecto subjetivo da doença faz ressaltar o papel de outros profissionais, particularmente do Psicólogo que atua junto às instituições. Trabalhando o emocional dos pacientes, ele pode preencher uma lacuna existente na sua relação com os médicos e, desta forma, tornar compreensível para os primeiros a sua situação. Noutros termos, atuando neste nível, ele pode se converter em elemento de vital importância na aproximação entre universos culturais distintos, do médico e de seu paciente.

Por fim, neste contato inicial, buscamos abordar a escolaridade daqueles submetidos a tratamentos médicos, considerando que esta influi, como um fator de relevo, na eficácia dos serviços prestados. Aqui também, a carência de alguns pacientes, traduzida em desinformação, abre espaço à negligência de alguns profissionais, que se valem dela para se impor de maneira autoritária (BOSI; AFFONSO, 1998; TEIXEIRA de PAULA, 2004). Consideramos, assim, que o diálogo, que deve se manter na relação do agente médico com seus pacientes, se encontra dificultado pelo desconhecimento, por parte destes, de algumas noções básicas de saúde e também pela distância que tais profissionais estabelecem em relação àqueles que possuem padrões culturais distintos dos seus.

Materiais e Métodos

Tratando-se de uma primeira abordagem sobre o tema, optou-se por métodos qualitativos, compreendendo a observação direta, realizada nos locais selecionados para a pesquisa (acima apontados). Foram também realizadas entrevistas com profissionais que ali atuam - fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicólogos. Estas tiveram, como complemento necessário, o contato com as mães das crianças em tratamento.

Neste primeiro momento, a opção por uma metodologia qualitativa, justificou-se pela sua maior capacidade de trazer elementos novos à discussão. Ela, desta maneira, se mostra pertinente na abordagem de processos em que a subjetividade dos agentes é importante elemento explicativo (MINAYO, 1991).

Resultados

Alguns exemplos serão aqui utilizados, no sentido de ilustrar parcialmente os resultados obtidos no trabalho de campo.

A princípio apresentamos o material referente à Apae da cidade de Caraguatatuba (SP). No contato com as famílias, buscou-se uma aproximação dos aspectos emocional e social que as envolvem, capaz de converter o nascimento de uma criança de acontecimento desejado numa situação dramática.

Segundo uma das psicólogas daquela instituição, a notícia tende a gerar nos pais sentimentos de culpa e vergonha, na medida em que aquela criança se afasta dos padrões de normalidade e beleza, considerando que, nas palavras desta profissional, “ninguém fantasia uma criança deficiente”, complementa.

A psicóloga busca sempre mostrar o lado positivo da patologia, incentivando-os a terem uma percepção mais ampla sob a condição real da criança, com suas limitações e possíveis avanços “Acreditar nelas é fundamental para seu crescimento e desenvolvimento”, afirma.

Existem aí as dificuldades inerentes à condição sócio-econômica daquele público. A quase a totalidade das famílias ali atendidas são carentes e com baixo nível de escolaridade, dificultando o trabalho dos orientadores.

Nesta instituição, encontramos casos como o de S., hoje com vinte anos, que apresenta retardo mental moderado. Sua mãe, com pouca escolaridade, servia de exemplo da dificuldade em fornecer informações sobre o estado de saúde das crianças internadas.

De outra parte, é importante que se considere também o período pré-natal, pelas dificuldades que ele pode acarretar à família no futuro. No caso de outra mãe, encontramos a situação daqueles a quem falta o acesso a serviços básicos de saúde. Na época de sua gestação, ela morava na “roça”, longe hospitais e serviços de saúde. O parto foi realizado em sua residência; prática muito freqüente naquele meio. Apenas quando a criança contava com dois meses de idade, a família percebeu que algo estava errado com ela. “A cabeça dela começou a crescer”, disse a mãe; o que exames vieram a diagnosticar como hidrocefalia; doença que a deixou com seqüelas visuais (ela enxerga apenas vultos).

Casos como os relatados apontam para a necessidade de um maior grau de informação e de serviços a serem fornecidos às populações carentes. Atestam também as dificuldades que estes indivíduos enfrentam em se fazer entender pelos agentes médicos., como no exemplo da primeira mãe. Lembre-se que ela se mostrava

incapacitada a fornecer informações sobre a saúde da filha.

Situações análogas foram encontradas no Centro de Reabilitação de Caraguatatuba (SP), que atende basicamente pacientes encaminhados pelo SUS (Sistema Único de Saúde). Em alguns casos, eles recebem orientações de psicólogos, expressando o reconhecimento de que necessitam de cuidados não apenas no que se refere à condição física.

Ali, o atendimento psicológico individual é realizado uma vez por semana, com sessões que duram cerca de trinta minutos. Nesta atividade, ampliar o auto-conhecimento dos pacientes é visto como forma de melhorar seu convívio pessoal; uma vez que ao reconhecer seus bloqueios e potencialidades, o indivíduo teria uma melhor aceitação de si mesmo, tornando-se mais apto e estimulado a buscar sua reabilitação.

Neste centro, pudemos acompanhar casos como o de P, que ao nascer era um bebê aparentemente saudável. Com o passar dos meses, contudo, verificou-se que ele não se mexia muito e nem sentava.

Sua mãe consultou um pediatra, que afirmou não haver nada de errado com a criança. Os pais resolveram ouvir a opinião de outro profissional que solicitou exames mais elaborados, diagnosticando-se hipotireoidismo. O bebê fez uso do hormônio (tetróide) por seis anos e fisioterapia por um ano. Começou a caminhar aos três anos de idade e hoje, com dez anos, apresenta um pequeno retardo motor.

A mãe de P., enfermeira, na época do ocorrido, trabalhava, sendo obrigada a se afastar do emprego para cuidar do bebê; com o conseqüente ônus financeiro para a família.

Todavia, ressalta-se aqui que esta mãe, por possuir um nível de escolaridade maior, foi capaz de ter uma primeira percepção do estado de seu filho, não se submetendo unicamente à opinião do médico. Em decorrência, alega que houve descuido por parte dos médicos e afirma que seu filho poderia ser afetado seriamente, com seqüelas mentais inclusive, caso seu distúrbio não fosse detectado a tempo,.

O depoimento a seguir mostra com clareza o que a negligência de alguns médicos, pode provocar numa criança. Bia, como é carinhosamente chamada, tem apenas três anos e seis meses de idade e mora atualmente com sua avó materna.

Com três meses de gravidez, sua mãe, na época com dezoito anos, teve diagnosticado um mieloma (câncer) e submetida a uma mamografia. Com o uso dos medicamentos, piorava gradativamente e, aos seis meses de gestação, entrou em trabalho de parto no sofá de sua casa, onde teve o bebê, que foi amparado pelos braços da avó. O recém-nascido ficou internado durante

um mês para ganhar peso, tendo sido diagnosticado, mais tarde, uma Encéfalopatia Crônica Não-Progressiva (Paralisia Cerebral), com comprometimento motor e cognitivo.

Contudo, é necessário chamar a atenção para dois fatos relacionados entre si nesta história: uma certa negligência do médico ao lidar com aquela jovem mãe, de um lado, e sua imaturidade e os preconceitos que a cercam, de outro. Ao negar sua gravidez, esta adolescente buscava escapar à sanção dos pais, de modo que aceitou aquele diagnóstico errôneo sem resistência.

Considerações finais

A maioria dos usuários, de serviço público são extremamente carentes e necessitam de aprimoramento cultural, social, etc., para que se tornem agentes de seu processo de cura, com conseqüente diminuição nos índices patológicos.

As duas instituições visitadas apresentaram situações análogas, com pacientes que relatam um histórico que compreende o descuido e menosprezo, por parte de alguns profissionais. Releva-se também a dificuldade dos pacientes em entender seu estado no código próprio da medicina, bem como em se fazer entender por aqueles que os tomam a seus cuidados..

Neste quadro, a figura do “Doutor” ainda é exaltada e respeitada de tal maneira que dificulta o questionamento de seus atos., particularmente quando se trata de pacientes de menor nível de escolaridade.

Vimos nos relatos acima, que o questionamento do diagnóstico e a busca da segunda opinião ocorreu naquela situação em que a mãe era mais escolarizada e, além disto, profissional da saúde, o que a tornava mais apta ao diálogo com os médicos que tratavam de seu filho. Como, então, pensar que alguém, sem tais requisitos, possa debater sua posição e exigir seus direitos como paciente.

Por outro lado, não menos importante é reconhecer o papel de outros profissionais nos processos que envolvem a doença e o que ela traz de desorganização e instabilidade emocional para a família e os pacientes. Neste sentido, destacamos a atividade das psicólogas ali observada como de fundamental importância nos cuidados daquelas crianças.

Conclusões

As situações que envolvem processos de cura apontam para a adoção de métodos que transcendem o conhecimento exclusivamente médico. Cruzam-se ali fatores de ordem emocional e sócio-culturais, abrindo a reflexão à incorporação

de conhecimentos e técnicas de outras disciplinas, das quais destacamos a Psicologia e a Antropologia, particularmente por sua capacidade de um tratamento científico aos elementos de subjetividade dos agentes envolvidos nestes contextos.

Referências

- BOSI, M.L.M.; AFFONSO, K.C. Cidadania, participação popular e saúde: com a palavra, os usuários da Rede Pública de Serviços. Rio de Janeiro: Cad. Saúde Pública 14 (2), 1998.
- CAPRARA, A; RODRIGUES, J. A relação assimétrica médico-paciente: repensando o vínculo terapêutico. Ciênc. saúde coletiva v.9 n.1 Rio de Janeiro 2004
- MINAYO, M.C.S. Abordagem antropológica para avaliação de políticas sociais. Rev. Saúde Pública 25 (3), 1991
- TEIXEIRA de PAULA, E.M.A. A educação como proteção integral para crianças e adolescentes hospitalizados. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 2004